



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **ESPORTE E MODERNIDADE NO RIO DE JANEIRO E SALVADOR: UM ESTUDO COMPARADO**

Coriolano P. da Rocha Junior

Docente UFBA; Doutorando em História Comparada UFRJ

coriolanojunior@uol.com.br

Este estudo analisa comparativamente, as relações entre a construção de projetos de modernidade e a presença do esporte no Rio de Janeiro e em Salvador. Nosso propósito é comparar essas duas cidades, tratando o que pode haver de semelhanças e dessemelhanças entre elas, buscando um diálogo entre o esporte e a construção de um ideário de modernidade entre fins do século XIX e o início do século XX. A opção pela história comparada como método de pesquisa se dá, por compreendermos que ela permite analisar comparativamente o fenômeno esportivo e suas peculiaridades, dando a chance de identificar semelhanças e diferenças, justo pelo fato do método comparativo nos possibilitar “... estabelecer o estranhamento, a diversificação, a pluralização e a singularidade daquilo que parecia empiricamente diferente ou semelhante, posto pelo *habitus* e reproduzido pelo senso comum” (THEML E BUSTAMANTE, 2007, p.15).

Tratando das cidades em tela, Salvador e Rio de Janeiro foram sucessivamente capitais do Brasil, todavia, no início do séc. XX viviam realidades diversas. Enquanto o Rio de Janeiro era a cidade mais importante do país, Salvador vivia uma fase de decadência, num cenário em que “a Bahia se viu progressivamente afastada do exercício mais efetivo do poder, resultando disso a tristeza por já não possuir influência comparável a que tivera no Império” (LEITE, 2005, p.298).

O Rio de Janeiro vivia um momento em que o espaço urbano, os comportamentos, os gostos e os valores se modificavam, buscando um alinhamento com tudo que se dava na Europa, assim, a “... imagem do progresso – versão prática do conceito homólogo de civilização – se transforma na obsessão coletiva da nova burguesia” (SEVCENKO, 2003, p.41).



Neste período, estados como São Paulo e Minas Gerais faziam sua economia crescer e outros, como a Bahia, viam uma baixa neste setor, já o Rio de Janeiro, como capital, programava mudanças na cidade e na vida das pessoas.

Mostrando as implicações das diversas mudanças sobre o Rio de Janeiro, Carvalho (2009), bem caracteriza esse contexto quando fala que

não seria exagero dizer que a cidade do Rio de Janeiro passou, durante a primeira década republicana, pela fase mais turbulenta de sua existência. Grandes transformações de natureza econômica, social, política e cultural, que se gestavam há algum tempo, precipitam-se com a mudança do regime político e lançaram a capital em febril agitação, que só começaria a ceder ao final da década (p.15).

Contrária ao Rio de Janeiro, a Bahia, ainda se mantinha presa a expectativa de reencontrar as forças que possuía no Brasil colonial, buscando “o resgate da opulência do passado e a as tentativas de recuperação do status...” (LEITE, 2005, p. 25). Na Bahia via-se um apelo ao seu passado de “glória” e isso, acontecia pelo fato da Bahia se considerar “injustiçada” no novo cenário nacional, clamando para si a volta de uma época em que era chamada de “Rainha do Norte”<sup>1</sup>. Tal aspiração por retomar o poder de fases anteriores, nos é explicada por Leite (2005) assim:

“O esplendor do seu renome de Rainha do Norte”, como alguém fez questão de declarar, justificava-se pela certeza, compartilhada por muitos, de uma preponderância nos campos econômico e político durante o século XIX. Era corrente o pensamento de que a Bahia manteve por um longo período a liderança nas atividades econômicas — e ainda que se tenha visto despojada da liderança, permaneceu contribuído de forma relevante para a renda nacional. No cenário político, por sua vez, não apenas produziu figuras de expressivo destaque, mas exerceu, também, um amplo domínio nos principais cargos administrativos do país por praticamente todo o Império, em particular no segundo reinado (p.78).

É nesse quadro e nesse período, que se instala no Brasil o anseio por uma modernidade, uma busca representada por tentativas de mudanças de comportamentos e de efetivação de um novo cenário cultural. Sobre esses tempos, Costa e Schwarcz (2000, p. 11) vão dizer que

sonhou-se muito na passagem do século XIX para o XX. Era esse o momento das realizações, da efetivação de projetos de controle das intempéries naturais. Ainda não pairava no ar o cheiro da guerra; a idéia do conflito

---

<sup>1</sup> Termo apresentado por Rinaldo Cesar N. Leite em sua tese, como sendo usado por diversos personagens baianos para designar a Bahia em seus tempos áureos.



parecia controlada pela fantasia do progresso, e os novos avanços traziam a confiança de um domínio absoluto sobre a natureza e os homens.

Com isso, entendemos que no Brasil, existia um interesse em se mudar a realidade vivida, por essa ser associada ao Brasil colonial, que era atrasado e antiquado para os novos padrões que se exigia com a República. Assim, na busca pela modernidade, o Brasil, dialogava com modelos estrangeiros para se pensar, valendo-se de exemplos já executados.

Sobre a modernidade, podemos dizer que ela é ambígua, já que seus mecanismos de execução e vivência são repletos de incongruências internas, gerando ao mesmo tempo ganhos e perdas, apoio e revolta, criando o novo e destruindo o chamado “velho”, ou seja, são duas leituras de uma mesma realidade. Na cena mundial e também brasileira, o afã pela modernidade se deu a partir das elites, sem diálogos com os populares, para atender seus gostos e desejos. Dessa forma, a modernidade e seus “benefícios” deveriam acontecer, mesmo que levasse dificuldades às classes populares, vistas como um “entrave” aos seus adventos. Assim, a cidade deveria se afastar de qualquer marca que a ligasse ao que era rural, já que a modernidade era essencialmente urbana, letrada, científica e lógica, existindo sob influência direta dos princípios da industrialização, cobrando do homem uma nova relação com o espaço e com o tempo.

Sobre modernidade, vemos em Kumar (1996) que essa

extraí seu significado tanto do que nega como do que afirma. [...] a modernidade sente que o passado não tem lições para ela; seu impulso é constantemente em direção ao futuro. Ao contrário de outras sociedades, a sociedade moderna recebe bem e promove a novidade. É possível dizer que ela inventou a “tradição do novo” (p. 473).

A experiência da modernidade assumiu significados diferentes em função das expectativas e anseios em relação a ela e mais, do que se podia vivenciar daquilo que é por ela apresentado. Gunning (2004, p.33), reforçando a noção de experiência da modernidade, assevera que

Por modernidade refiro-me menos a um período histórico demarcado do que a uma mudança na experiência. Essa nova configuração da experiência foi formada por um grande número de fatores, que dependeram claramente da mudança demarcada pela Revolução Industrial.



Ao pensar a modernidade e suas repercussões, Berman (2007, p.24), afirma que “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos tudo o que sabemos tudo o que somos”. Assim, entendemos que a modernidade repercutia na vida das pessoas, de tal forma, que acabava provocando mudanças, desejáveis ou não, levando-as a algo desconhecido.

Para tentar instalar a modernidade, o então Presidente Rodrigues Alves (1902-1906), deu início às reformas no país e o Rio de Janeiro foi à cidade escolhida, por ser sede política e capital do Brasil, tendo no poder municipal Pereira Passos (1902-1906). Dentro desse contexto, o Rio de Janeiro, experimentou uma de suas fases de modernização, com ações que buscaram reordenar o espaço urbano e os modos de vida dos cidadãos, num conjunto de mudanças sócio-econômicas, culturais, estruturais e higienizantes, marcando um novo momento histórico, que buscou tornar a cidade um espaço de novas vivências e práticas sociais. Nesse sentido, para Needell (1993, p. 70), “abraçar a Civilização significava deixar para trás aquilo que muitos na elite carioca viam como um passado colonial atrasado, e condenar os aspectos raciais e culturais da realidade carioca que a elite associava àquele passado”.

De maneira geral, podemos afirmar que o projeto modernizador do Rio de Janeiro se assentou em alguns pontos básicos, que eram: construção e/ou alargamento de novas vias; construção de edifícios de arquitetura imponente e conseqüente derrubada de antigos prédios; a higienização da cidade; a criação do belo, do apreciável; a instalação de um comércio caro e de padrões europeus.

Assim, é a partir do operado no Rio de Janeiro, que Salvador, também buscou o seu próprio projeto de modernidade. As mudanças projetadas para o Rio de Janeiro e Salvador aconteceram em tempos diversos, sendo em Salvador posterior ao Rio de Janeiro.



Foi durante o governo estadual de J.J. Seabra<sup>2</sup> (1912-1916), que Salvador, viveu as ações que tentaram reordenar seu espaço urbano e adequar seus habitantes aos novos comportamentos e posturas da modernidade, sempre sob influência do Rio de Janeiro, já que Seabra foi ministro<sup>3</sup> durante o governo de Rodrigues Alves e acompanhou todas as ações que se deram na capital.

Ao analisar esse período e o quadro da Bahia, Risério (2004, p. 310), afirma que “Sua capitalização era fraca, havia a enorme dificuldade de transporte, a carência de energia e, ainda, a hegemonia dos comerciantes, que não se interessavam tanto por investimentos em atividades produtivas”, ou seja, a Bahia destoava dos princípios aventados pela idéia de progresso. Salvador estava presa a uma lógica econômica que se não impedia, certamente limitava as aspirações por um maior crescimento, pelo progresso, não sendo ainda suficientemente “civilizada”, estando, portanto, fora dos padrões propalados pela modernidade carioca.

Nesse quadro, a elite soteropolitana, assim como a carioca, aspirava mudanças e a bem da verdade, se suas condições iniciais se diferiam pelo peso das cidades na vida pública do país, não nos parecem muito diferentes quanto às condições estruturais antes da instalação ou tentativa de se criar uma cidade moderna e que exultava o progresso.

Leite (1996), ao falar sobre as aspirações modernizantes de Salvador, mostra que se tentava atender “... a um interesse comum de certos segmentos elitistas da sociedade local, inconformados com a cidade em que viviam...” (p.18). A cidade de Salvador, em sua aventura pela modernidade, teve de conviver com uma clara dificuldade que em muito limitava qualquer aspiração, a fragilidade econômica. Salvador não possuía recursos em seus cofres para tocar o projeto e para isso, teve de contar com recursos externos na base de empréstimos, que não atingiram o montante desejado. Esse fato fez com que a reforma urbana fosse numa escala menor do que se esperava e por isso,

---

<sup>2</sup> José Joaquim Seabra, também governou entre 1920 e 1924, mas aqui interessa-nos o primeiro mandato. Seabra também foi deputado e senador, além de grande liderança política na Bahia, sendo seus seguidores chamados de Seabristas. De agora em diante denominado apenas por Seabra.

<sup>3</sup> Ocupou o Ministério da Justiça e Negócios Interiores (1902 - 1906) e de forma interina o Ministério das Relações Exteriores (15 de novembro a 3 de dezembro de 1902). Depois atuou como ministro da Viação e Obras Públicas (1910 - 1912) na presidência de Hermes da Fonseca.



frustrou suas elites, já que ficaram distantes do sonhado modelo do Rio de Janeiro. Albuquerque demonstra isto assim:

O plano inicial de remodelamento planejado por J. J. Seabra teve que ser revisto, face a escassez de capital para financiá-la. A avenida 7 de setembro, que como diriam os jornais da época era "a menina dos olhos" de Seabra, originalmente deveria ter dimensões maiores e, conseqüentemente, promover um maior número de demolições, envolver mais gastos com pagamento de operários e indenizações. Todas essas medidas eram despesas muito altas para um Estado que amargava uma grave crise financeira. (1996, p.105)

Se em Salvador o pretendido por Seabra e as elites locais na questão de uma nova urbanização não avançou como se esperava, no que é tocante aos hábitos, também parece não ter havido mudança significativa. Salvador sempre se destacou por possuir uma imensa população negra, herança do longo tempo de escravatura no país e que servia de mão de obra nas fazendas e casas grandes de toda a Bahia e de Salvador. No entanto, essa herança envergonhava a cidade, já que para a elite local, os negros, com seus hábitos e modos mais se assemelhavam a bárbaros e eram símbolos de uma cidade que não atingira padrões modernos. Era preciso embranquecer Salvador, acabar ou ao menos jogar para fora da cidade os rituais e práticas dessa população, ou como diz Albuquerque, para as elites,

Era preciso livrar as ruas de práticas como as batucadas e sambas de rodas que tanto lembravam os tempos coloniais, em que este era um espaço destinado aos negros de ganho, aos mendigos, aos moleques de recado. Desfazer-se "das chagas do passado colonial" se apresentava como tarefa inadiável para os republicanos baianos (1996, p.106).

Essa tentativa civilizadora de se acabar com festas, gestos, sons e práticas corporais dos negros não avançou muito, já que de certa forma, estavam internalizados na cidade, na população, pois, "... quando na velha Bahia da nova ordem os santos, deuses e heróis saíam às ruas com seus cultuadores, traziam a tona aspectos sutis, mas relevantes das relações sócio-raciais" (ALBUQUERQUE, 1996. p.124).

Assim, identificamos que em ambas as cidades, existiu, um sentimento e uma ansiedade por mudanças que fizessem com que nelas se instaurasse o novo, numa tentativa de apagar o passado. Em ambas, a perspectiva foi de construção sem preocupações com manutenção ou preservação do patrimônio ou de qualquer outro vestígio que as ligasse ao passado. Nesse ponto, vemos um dos conflitos da



modernidade, já que para a construção das novas cidades, muito do que existia fora colocado abaixo, provocando resistências. Se ruas, avenidas, praças e edifícios foram construídos, outros espaços tradicionais foram derrubados e mais, se uma nova cultura afrancesada era incorporada pela elite, práticas culturais populares foram relegadas, negadas. Todavia, essa ação modernizadora, que por vezes mais parecia à ação de um rolo compressor, não fez apagar as marcas já fincadas em solo brasileiro e que estavam colocadas na população que resistira a esse processo ou ao menos tentara isso, marcas que ficaram nas limitações desse civilizar-se das cidades, muito por conta das próprias limitações do projeto político. Dessa forma, se por um lado crescia uma cidade com aspectos modernos, ricos, por outro crescia uma pobre, popular.

Fundamental nessa análise comparativa entre Rio de Janeiro e Salvador, é perceber o quanto a cultura foi um foco das ações modernizadoras, já que é nela que se apóiam as perspectivas de mudanças do cotidiano das cidades, para além das paredes dos prédios e das vias públicas. Era preciso construir um novo povo, com uma nova cultura. Nesse caso, se acentuava o sentimento de inferioridade do brasileiro em relação ao europeu, ao francês, já que para a elite era lá que existia a cultura real e moderna. Sobre isso, Needell, no prefácio de sua obra fala da “... existência de um padrão comum nas relações entre a cultura dos colonizados e a dos colonizadores, um padrão que se manifesta em três etapas: conflito, adaptação e rejeição” (1993, p. 12).

Essa análise reforça nossa compreensão sobre o contexto das modernidades das duas cidades. O que se opera realmente, é uma reafirmação da cultura de elite, em detrimento da cultura popular, como uma forma de manipulação e afirmação do poder da elite, assim, as reformas urbanas advindas da modernidade, são mesmo a configuração de um cenário que melhor representava esse princípio de dominação. Todavia, não podemos entender que esse mecanismo se deu de forma plena, sem uma contra ação dos rejeitados, que mesmo sob as forças do poder central e sofrendo as agruras de seu deslocamento e as violências contra um modo de cultura, souberam agir. Mesmo estando à margem das benesses da modernidade, essa população continuou a existir culturalmente, com seus hábitos e gostos, muita das vezes incorporando e



ressignificando as práticas vividas pelas elites, que muitas das vezes assumiu para si as práticas populares.

É nesse cenário e sob essas condições, que tanto no Rio de Janeiro como em Salvador, se iniciaram as “aventuras” da população com o esporte, sendo esse um dos elementos dessa que se mostrava como uma nova era, a modernidade.

Num contexto onde essas cidades passavam pela experiência da modernidade, tentando conjugar reformas urbanas, mudanças de comportamento, construção de novos hábitos e gerar uma nova relação do homem com a cidade, com o espaço, com o tempo, com o outro e consigo próprio, o esporte surgiu como uma das novas formas de vivência, como uma prática social representativa da modernidade. Pode-se atribuir isso ao fato do esporte incorporar elementos que simbolizavam as aspirações por mudanças, assumindo papéis que caracterizaram modificações nas formas de agir e de circular do homem na sociedade, articulando em sua prática elementos como: maior exposição do corpo, movimento, risco e desafio, fatores que significavam uma busca pelo prazer e por uma excitação inovadora, sendo também uma forma das cidades se apropriarem de mais um elemento da modernidade.

Sevcenko (2008b) ao fazer uma análise dos fatores geradores e das repercussões das mudanças decorrentes do processo de modernização das cidades, em especial, do Rio de Janeiro, afirma que um “Resultado dessa curiosa mutação cultural foi o desenvolvimento de uma febre esportiva que assolou o século XX desde os seus primórdios...” (p. 568).

Dessa forma, compreendemos que a instauração de todo um conjunto de mudanças nas cidades, ao mesmo tempo em que proporcionou e motivou as pessoas à prática esportiva, também foi por esta influenciado, ou seja, a noção de que pessoas e cidades deveriam ser ativas, trabalhar por melhorias, valer-se dos avanços científicos, acelerando suas percepções e relações, significou que a modernidade e seu ideário foram encampados, seja pelas obras na nova cidade, seja pelo movimento no novo ser humano. Era preciso engajar-se em todas as mudanças, identificando-se com o novo.

Para ser moderno, era necessário superar a imagem de um homem lento, sedentário, assim como a cidade deveria deixar de ser antiquada, colonial. O mundo da



modernidade, “era marcadamente mais rápido, caótico, fragmentado e desorientador do que as fases anteriores da cultura humana” (SINGER, 2004, p. 96). Nesse sentido, Sevcenko nos apresenta o que chamou de ética do ativismo e ainda, afirma assim:

o desenvolvimento dos esportes na passagem do século se destinava justamente a adaptar os corpos e as mentes à demanda acelerada de novas tecnologias. Como as metrópoles eram o palco por excelência para o desempenho dos novos potenciais técnicos, nada mais natural que a reforma urbana incluísse também a reforma dos corpos e das mentes (2008b, p. 570)

Compreendemos que tais considerações podem ser atribuídas às cidades brasileiras que, em épocas diferentes, experimentaram um projeto de modernidade, guardadas suas especificidades, que lhes permitira avanços maiores ou menores, ainda assim, podemos afirmar que foram formas comuns de fazer e viver a modernidade, que para Singer (2004), “foi concebida como um bombardeio de estímulos” (p.96).

Para falar da presença dos esportes em terras cariocas e soteropolitanas, tomaremos como elementos de análise, os esportes que tiveram, por alguma razão, uma menor circulação e um deles, foi o críquete.

O críquete é uma prática esportiva que aportou em terras brasileiras trazida por ingleses. Melo (2001) comenta que no Rio de Janeiro, esse esporte se desenvolveu por algum tempo, todavia, “O cricket nunca chegou a efetivamente se estruturar na cidade, ficando restrito a poucos aficionados (normalmente de origem inglesa)” (MELO, 2001, p.28). O autor cita a existência do British Cricket Club (em São Cristovão) e o Club Brasileiro de Cricket (em Laranjeiras).

As mesmas ocorrências podem ser vistas em Salvador. Em Salvador, esse esporte chegou por meio dos ingleses (em meados do século XIX) e alguns clubes foram fundados para sua prática, que acontecia normalmente no Campo Grande (LEAL, 2002), embora também haja notícias de jogos na Fonte do Boi<sup>4</sup> e Quinta da Barra (GAMA, 1923), no Campo da Pólvora<sup>5</sup> e no Largo da Madragoa<sup>6</sup>.

Da mesma forma que no Rio de Janeiro, essa prática teve vida curta, ficando basicamente restrita aos ingleses e se no Rio de Janeiro, um clube inicialmente fundado

<sup>4</sup> Localizado no bairro do Rio Vermelho. Jornal Diário da Bahia, 25/01/1902

<sup>5</sup> Jornal Diário de Notícias, 24/03/1903 e 12/09/1903.

<sup>6</sup> Jornal Diário da Bahia, 11/01/1902. Localizado na Cidade Baixa, na área do bairro da Ribeira.



para o críquete, logo depois assumiu o futebol (Club Brasileiro), em Salvador, o mesmo se deu. O Club de Cricket Victoria, fundado por brasileiros em maio de 1899, passou a se chamar Sport Club Victoria, assumindo o futebol como uma prática, e ainda existiu o Club Internacional de Cricket, fundado por ingleses em novembro de 1899.

No que é específico ao críquete, podemos afirmar que, tanto no Rio de Janeiro quanto em Salvador, sua trajetória se deu de maneira igual, ou seja, uma prática trazida e praticada por ingleses, com uma inicial participação de brasileiros, mas com curta duração e pequena aceitação. Logo ficou novamente restrita aos ingleses, até se tornar pouco significativa, enquanto outras práticas ganhavam o interesse da população.

Sobre esse “esquecimento” do críquete, o Jornal A Tarde<sup>7</sup> apresentou uma matéria em que questionava a si e aos leitores as razões do abandono desse esporte em Salvador, assim, “não sabemos porque motivo ficou inteiramente abandonado pelos nossos sportmen, o interessante e nobre jogo dos ingleses, o cricket. A Bahia, teve nesse jogo, a muitos annos, sua primeira manifestação sportiva”. O jornal na mesma matéria ainda ressaltava sua importância inicial e as formas com que foi jogado, tanto pelos ingleses quanto pelos baianos.

Além do críquete, outros esportes existiram, só que com menor impacto na composição do cenário esportivo do Rio de Janeiro e de Salvador. Foram eles: a natação, a patinação e o ciclismo, esportes que traziam como experiência maior, justamente, a noção de velocidade, desafio e superação de limites, aspectos importantes na vivência da modernidade.

Para Melo (2001), essas práticas são uma mostra daquelas que hoje são efetivamente consideradas esporte, mas que tiveram seu início de forma tímida entre fins do século XIX e início do XX. Esses são exemplos de atividades corporais que tiveram seu início vinculado à idéia de desafio e superação de limites, explorando os espaços livres das cidades, implicando uma nova relação como ambiente e ainda mais, alguns desses faziam uso de implementos e equipamentos, que demarcavam uma nova tecnologia.

---

<sup>7</sup> Jornal A Tarde, 08/11/1912.



Para Vigarello e Holt (2008), “nadar é ir de encontro a um meio, lutar contra um elemento, enfrentar a hostilidade” (p.403). Tal consideração nos permite afirmar que a natação tinha em si, aspectos que eram significativos no ideário da modernidade. Além desses dados, a natação, em seu início, surgiu como uma prática saudável e higiênica e estava também associada a uma condição de segurança, necessária nesses novos tempos de relação com os ambientes líquidos, nos quais o homem se expunha ao “risco”, já que um deles estava na própria modernidade e suas transformações.

Tanto no Rio de Janeiro, como em Salvador, as atividades de natação, até mesmo pela inexistência de piscinas, aconteciam no mar e quase sempre sob a forma de desafios, por vezes de longas distâncias. Em Salvador, via-se que por vezes, a natação aparecia como uma atração de festas, notadamente as do Rio Vermelho. O porto de Salvador, que constou no projeto de Seabra para melhoramentos da cidade, teve entre seus funcionários, um clube chamado de Sport Club Docas<sup>8</sup> que promoveu “festas de natação” para comemorar as datas de inauguração do novo porto de Salvador. Tal fato demonstra a vinculação entre a prática esportiva e a modernidade, visto que um celebrava o outro.

Assim como no Rio de Janeiro, em Salvador, competições mais estruturadas de natação estiveram a cargo da Federação de Regatas, que as promovia entre seus sócios, mas também com espaço para não associados. No que é interessante ao recorte temporal desse estudo, podemos asseverar que, nas duas cidades, a natação passava por uma fase de implantação, uma novidade que era apresentada e, portanto, ainda demoraria a ser assimilada pela população e só tempos depois ganhou mais *status* e estrutura, avançando acentuadamente após a construção de piscinas.

A patinação, uma atividade conhecida desde o século XIX, teve seu início no Rio de Janeiro em 1820, conhecendo grande impulso a partir de 1870 (MELO, 2007a), como uma prática de diversão, “não sendo a princípio uma atividade eminentemente competitiva, mas sim basicamente um espaço onde a população podia alugar patins, encontrar uma estrutura física adequada, além de dispor de instrutores dispostos a

---

<sup>8</sup> Jornal Diário de Notícias, 11/05/1915.



ensinar os “truques” da patinação” (MELO, 2001, p. 27). Contudo, no Rio de Janeiro, seu sucesso começa a decair justo entre 1902 e 1906, momento em que já não oferecia tanto interesse como antes.

Em Salvador, é possível perceber que entre 1912 e 1916, a patinação despertou razoável interesse. Nesse período existiram clubes de patinação (Internacional Club de Patinagem, Sport Club Colombo de Ciclo-Patinção) e eventos foram realizados na cidade, basicamente nas ruas do Bairro do Comércio ou em passeios do Centro Histórico ao Rio Vermelho. Esses eventos, na maioria das vezes, assumiam um caráter competitivo, cujos participantes eram distribuídos por páreos (como no turfe), em função das distâncias a serem percorridas. Parece-nos ser essa uma diferença marcante entre o Rio de Janeiro e Salvador no que se refere ao perfil da prática da patinação. Se para cariocas, no período estudado, a patinação tem um caráter maior de diversão, para Salvador, na maior parte das vezes, esse esporte foi competitivo e organizado em clubes específicos, mesmo que em lugares improvisados, porém, também existiu como divertimento nas festas dos diversos outros clubes, que não apenas os de patinação.

O ciclismo foi uma atividade esportiva conhecida no Rio de Janeiro desde fins do século XIX, uma “novidade” que a cidade aprendia a lidar, assim como a própria modernidade. O ciclismo e a bicicleta, mais que tudo, têm em si a essência da velocidade, do risco e da tecnologia.

Nos anos iniciais do século XX, a cidade já contava com uma presença mais forte de clubes que atuavam somente com esse esporte, assim, o “ciclismo aumentava o seu espaço destinado às competições, e a bicicleta ganhava as ruas da cidade, tornando-se pouco a pouco mais presente no cotidiano da população carioca” (SCHETINO, 2007, p. 121). Melo (2009c) reconhece que no Rio de Janeiro, nesse período, provas eram organizadas e os jornais já noticiavam o esporte com maior frequência. Assim como no turfe, as apostas foram importantes na valorização do ciclismo e também com a queda em seu interesse, em decorrência da proibição da prática de apostas. No cotidiano, as bicicletas, muito por conta de seus altos preços e por exigirem uma destreza motora específica e desconhecida de grande parte da população, eram ainda acessíveis somente às elites, fato que se associava à própria idéia de modernidade, algo apenas para as



elites, mas assim como aconteceu com os ganhos da modernidade, contudo, a classe trabalhadora, adiante, também soube se apropriar desse esporte e desse veículo de transporte.

Em Salvador, desde fins do século XIX, jornais noticiavam “garagens” e aluguel de bicicletas, sempre importadas, o que nos faz entender, que já era então algo conhecido na cidade, mesmo que pouco vivido, já que importadas, não faziam parte do cotidiano da população, assim como no Rio de Janeiro.

Em terras baianas, o ciclismo pareceu acontecer sob a mesma estrutura dos clubes de patinação. Era fato comum que houvesse atividades simultâneas das duas práticas, desenvolvidas pelos mesmos clubes nos mesmos espaços e, aqui, falamos do período entre 1912 e 1916. As corridas eram desenvolvidas para velocidade, sendo mais comuns no Comércio e no Centro Histórico ou para resistência, com deslocamentos até o Rio Vermelho e também faziam parte das festividades promovidas pelos clubes.

O Jornal de Notícias<sup>9</sup> divulgou o que dizia ser a primeira corrida de bicicletas da Bahia, realizada no bairro do Canela. Nos jornais, eram comuns notas com as provas a serem disputadas, clubes, participantes e premiação, além do local em si. Dias após as provas, eram noticiados os vencedores e seus tempos. Ao contrário do Rio de Janeiro, Salvador não construiu (mesmo na atualidade) um espaço específico para as provas de ciclismo, mas idêntico aos cariocas, soteropolitanos assumiram a bicicleta, por mais que a cidade, até hoje, por sua geografia e estrutura urbana, dificulte seu uso.

Por fim, podemos afirmar, que tanto o Rio de Janeiro quanto Salvador, viveram experiências com o esporte, associando-o as novas configurações da cidade, a partir de seus projetos de modernidade. Nas duas cidades, o esporte era considerado uma atividade que simbolizava novos tempos, um novo homem para um novo espaço urbano. As diferenças ficam por conta do fato de que no Rio de Janeiro, esse conjunto de vivências foi mais amplo e significativo do que em Salvador, no período estudado e isso, por razões diversas, que vão da condição política e econômica das cidades, a sua formação cultural, fazendo com que entre os cariocas, o esporte, tivesse mais circulação

---

<sup>9</sup> Jornal de Notícias, 23/04/1912



do que entre os baianos e isso, olhando para o esporte em geral, como um fenômeno social, sem se ater as suas práticas específicas.

#### Referências

ALBUQUERQUE, Wlamira R. Santos, Deuses e heróis nas ruas da Bahia: identidade cultural na Primeira República. *Revista Afro-Ásia*, n.18, p. 103-124, 1996.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COSTA, Angela Marques da e SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GAMA, Mario. Como os “sports” se iniciaram e progrediram na Bahia. In: *Diário oficial do Estado da Bahia, Edição Especial do Centenário*. Salvador: [s.n], 1923.

GUNNING, Tom. O retrato do corpo humano: a fotografia, os detetives e os primórdios do cinema. In: CHARNEY, Leo, SCHWARTZ, Vanessa R. (orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. 2ª ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

KUMAR, Krishan. Verbete Modernidade. In: OUTHWAITE, William e BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LEAL, Geraldo da Costa. *Perfis urbanos da Bahia: os bondes, a demolição da Sé, o futebol e os gallegos*. Salvador: Gráfica Santa Helena, 2002.



LEITE, Rinaldo C. N. *E a Bahia civiliza-se... ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana 1912-1916*. 1996. Dissertação (mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, Salvador, 1996.

\_\_\_\_\_. *A Rainha destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. Tese (doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História, PUC-São Paulo, São Paulo, 2005.

MELO, Victor Andrade. *CidadeSportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: FAPERJ, 2001.

\_\_\_\_\_. *Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas - São Paulo: Autores Associados; Decania do CCS-UFRJ, 2007a.

\_\_\_\_\_. (org.). *História comparada do esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007b.

\_\_\_\_\_. *Corpos, bicicletas e automóveis: outros esportes na transição dos séculos XIX e XX*. In: PRIORE, Mary Del e MELO, Victor Andrade de (orgs). *História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: UNESP, 2009c.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RISÉRIO, Antonio. *Uma história da cidade da Bahia*. 2ªed. Rio de Janeiro: Versal, 2004.



SCHETINO, André. Do tour de France ao velódromo nacional: o ciclismo em Paris e no Rio de Janeiro na transição dos séculos XIX e XX. In: MELO, Victor Andrade de (org.). *História comparada do esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. 2ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. . In: SEVCENKO, Nicolau (org). *História da vida privada no Brasil 3*. 8ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b.

SINGER, Bem. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo, SCHWARTZ, Vanessa R. (orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. 2ª ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

THEML, Neide e BUSTAMANTE, Regina. História comparada: olhares plurais. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 1-23, 2007. Disponível em: <<http://www.hcomparada.ifcs.ufrrj.br/revistahc/vol1-n1-jun2007/olharesplurais.pdf>>. Acessado em: 04 out.2008.

\_\_\_\_\_ e HOLT, Richard. O corpo trabalhado – ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain (direção do volume). *História do corpo: 2. da revolução à Grande Guerra*. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 2008.